

Editorial

A Revista *Pro-Posições*, dedicada à publicação de estudos e pesquisas sobre a Educação e temas correlatos, mantém a compreensão de que esta é parte do universo da cultura, atravessada, assim, pela história do seu tempo.

Hoje, um tema recorrente – a política – percorre todos os espaços sociais, atinge os sujeitos de todas as classes, de diferentes idades e dos mais diferenciados grupos. Misturam-se, especialmente em nossos meios de comunicação, a política e os homens e mulheres na política. Fala-se sobre o assunto com indignação, com desesperança, com desapontamento. Mas, acima de tudo, o tema tem revelado a perplexidade que toma conta de vários grupos políticos e sociais, aí incluídos os intelectuais.

É hora, talvez, de guardar silêncio, de cuidar de acumular estudos e reflexões ou de voltar aos clássicos. Weber, sociólogo que se preocupou com a burocracia como forma de dominação e pensou sobre o Estado Moderno e sobre os partidos políticos, escreveu, na década de 1910, *A política como vocação*. Nessa obra, ele analisa as condições, os sujeitos e as instituições que compõem o universo da política no mundo moderno.

Interpreta o Estado Moderno como a única instituição que tem como fundamento o domínio da violência legítima e, fazendo comparações de cenas históricas, especialmente da Alemanha, dos Estados Unidos e da Inglaterra, nos faz perceber que a política, organizada para disputar o poder do Estado, acaba definida pelo próprio exercício da violência.

É a partir desta reflexão que Weber vai definir o lugar dos políticos profissionais, dos profissionais dos partidos e dos titulares de cargos eletivos. Não escapam ao sociólogo dois personagens, novos na época e que ganham importância no universo político. Trata-se do jornalista e do *boss*. Figuras políticas que o texto desnuda diante de nossos olhos. Sobre o jornalista, diz Weber:

Certo é que a demagogia moderna faz uso do discurso – e numa proporção perturbadora, se pensarmos nos discursos eleitorais que o candidato moderno está obrigado a pronunciar –, mas

faz uso ainda maior da palavra impressa. Por tal motivo é que o publicista político e, muito particularmente, o jornalista são, em nossa época, os mais notáveis representantes da demagogia.

O jornalista e também o *boss* só se instalam como personagens principais nesse jogo porque a empresa política é uma empresa de interesses e, como nos alerta Weber, estes mesclam o interesse por um ou outro projeto de sociedade com o interesse pelo monopólio dos empregos, dos chamados cargos de confiança, que garantem a dominação de um exército de funcionários.

O *boss* é o homem dedicado a angariar votos nas eleições democráticas. Seu objetivo é ganhar a eleição. Ele age, mais ou menos, como os exércitos mercenários nos tempos de Maquiavel. Ele teria surgido nos sistemas eleitorais plebiscitários. Não tem projeto, dispõe de estratégias. Para Weber:

É um empresário político capitalista, que busca votos eleitorais em benefício próprio, correndo os riscos e perigos inerentes a esta atividade. Nos primeiros tempos, ele é advogado, proprietário de um bar ou de um estabelecimento comercial ou é um agiota, valendo isso dizer que desempenha uma atividade de onde retira meios de lançar as primeiras bases para lograr o controle de certo número de votos. Conseguindo esse resultado, ele entra em contato com o *boss* mais próximo e, graças a seu zelo, habilidade e, acima de tudo, discrição, atrai os olhares dos que se acham avançados na carreira e, daí por diante, encontra aberto o caminho para galgar os diferentes escalões.

A atualidade da análise weberiana convida à reflexão sobre a perplexidade que tomou conta da sociedade em geral e, sobretudo, dos intelectuais, os mais legítimos críticos da política. Como nos permitimos esquecer as análises sociológicas constituídas pelos *Escritos Políticos* de Max Weber?

O desaparecimento de Raimundo Faoro e de Maurício Tragtenberg, notáveis estudiosos do sociólogo alemão, talvez seja a causa da lacuna no debate que se impõe neste momento político, em nosso país. É bem possível que, nos textos que escreveriam os dois intelectuais – se ainda estivessem por aqui – nos deparássemos com observações nos moldes da que abre a última parte de *A Política como vocação*:

Quem deseje dedicar-se à política e, principalmente, quem deseje dedicar-se à política em termos de vocação deve tomar consciência desses paradoxos éticos e da responsabilidade quanto àquilo em que ele próprio poderá transformar-se sob pressão

daqueles paradoxos. Repito que ele se compromete com potências diabólicas que atuam com toda violência. Os grandes virtuosos do amor e da bondade a-cósmica do homem, venham eles de Nazaré, de Assis ou de reais castelos indianos não operam com os instrumentos políticos da violência¹.

Esta revista, interessada em participar dos debates que, nos tempos presentes, ocupam nossa sociedade, oferece um dossiê sobre as reformas educacionais ocorridas em alguns países da América Latina, entre eles o Brasil, nos anos 1990.

Temos presente, como disse no início deste texto, que o espaço da Educação, seus projetos e seus sujeitos estão mergulhados no universo da cultura, constituindo a própria cultura e sendo por ela constituídos. Assim, as reformas que aqui são analisadas dialogam com a crise política e os esforços pela manutenção da dignidade.

Oferece ainda, este número da Revista, na sua seção *Diverso e Prosa*, a tradução de uma carta e um pequeno artigo de jornal escrito por Max Weber, tratando do problema da Culpa no pós-guerra. A seleção desse pequeno texto para a seção está ligada à nossa compreensão do lugar especial que têm os intelectuais no trato com as grandes questões políticas, lugar do qual não podem fugir, mesmo nos momentos mais duros da história.

Nesta revista, os textos publicados na seção *Artigos* trazem também resultados das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas sobre temas tradicionais do campo disciplinar da Educação, como é o caso dos artigos sobre “As relações entre saberes cotidiano e escolar presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática” ou aquele que trata das relações entre a “Pedagogia e a formação de professores(as) de Educação Infantil”, ou ainda o estudo sobre “Trajetórias de professores da educação profissional”. Traz, também, esta seção, um artigo que analisa “O discurso dos *experts* na constituição das identidades infantis e de gênero na mídia impressa brasileira”.

Dentro da política de publicação da Revista, temos oferecido, em cada número, pelo menos um texto de pesquisador estrangeiro, traduzido para o leitor brasileiro. Neste número temos o artigo escrito pelo Prof. Yves Schwartz, “Transmissão e Ensino: do mecânico ao pedagógico”.

Agueda Bernardete Bittencourt

1. Os textos citados neste editorial foram extraídos de WEBER, Max. A Política como vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e Política, duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1967.